

RUA BARÃO DE JAGUARA

Designação dada em 01-07-1889

Formada pela rua Direita, antiga rua de Cima, e também conhecida por rua Barro Alto

Início na linha da Fepasa junto à praça Comendador Soares

Término na rua Barreto Leme

Centro

Obs.: Esta denominação foi proposta pelos vereadores Ricardo Gumbleton Daunt, Otto Langaard e José de França Camargo.

BARÃO DE JAGUARA

Campinas deu o nome do Barão de Jaguará a uma de suas vias públicas, em sinal de gratidão pelo que este cidadão realizou à cidade. Em fevereiro de 1889, com grande surpresa, começaram a surgir casos de febre amarela, que por fim explodiu de forma horrível, em memorável epidemia. Nessa emergência, o Barão de Jaguará, então Presidente da Província, tendo sabido da paralização das obras de abastecimento de águas e esgotos, melhoramento este, considerado imprescindível para o saneamento local, aqui esteve pessoalmente verificando toda a calamidade. Diante disto, convocou, extraordinária e especialmente a Assembléia Provincial expondo a dramática situação de nossa cidade. A Assembléia reuniu-se e votou prontamente a lei autorizando o governo a fornecer à nossa Câmara Municipal, por empréstimo, a quantia de dois mil contos de réis, a juros de seis por cento, amortizável em 22 anos. Graças pois, à boa vontade e dedicação do Barão de Jaguará, foi conseguida a conclusão dos serviços de águas e esgotos, e que, com cujo saneamento debelou definitivamente, as devastadoras epidemias de febre amarela. Antonio Pinheiro de U-lhoa Cintra é o nome do Barão de Jaguará, título com que foi agraciado em 20 junho-1888, em atenção aos valiosos serviços prestados como diretor da Companhia Mogiana. Nasceu o Barão de Jaguará, em 12 de junho de 1836, em São Paulo, onde faleceu em 14 de agosto de 1895. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, e quando estudante, foi interno de Hospital de Misericórdia e do Arsenal da Guerra. Formado, fixou residência em Casa Branca, neste Estado, onde clinicou por quatro anos. A seguir foi para Mogi Mirim, onde exerceu a medicina durante 25 anos. Foi Juiz Municipal suplente, inspetor da instrução pública por 18 anos, diretor da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro de 1872 a 1889, que exerceu gratuitamente, e cuja atuação foi das mais destacadas, foi juiz de diversas irmandades e provedor de outras. Na política, sempre pelo Partido Conservador, foi vereador por três quadriênios, deputado provincial de 1870 a 1879, de

Rua Barão de Jaguará

Fls. 2

putado à Assembléia Geral em 1881 e eleito Senador em 1891, se recu-
sou a tomar posse. A 14 de julho de 1887, foi nomeado quinto vice-
Presidente da Província e por decreto de 06 de abril de 1889, foi no-
meado Presidente da Província de São Paulo, assumindo a administra-
ção em 11 de abril de 1889, permanecendo só até 10 de junho do mes-
mo ano, quando deixou o cargo em consequência da ascensão do Parti-
do Liberal. Todavia nesses dois meses teve o ensejo de revelar-se
grande administrador e patriota, e o mais importanté, debelar a ter-
rível peste que grassou em Campinas e Santos. Em 07 de maio de 1887
foi agraciado com a Comenda Imperial da Ordem da Rosa. Antonio Pi-
nheiro de Ulhoa Cintra, foi casado em primeiras núpcias com Adelina
Henriqueta de Ulhoa Cintra e em segundas núpcias com Antonia da Ro-
cha Cintra, de quais casamentos teve 18 filhos.

RUA BARÃO DE JAGUARA



RUA DE CIMA -

Durante muitos anos denominou-se
Rua Direita.

Nome atual: Barão de Jaguará.

(Extraído do artigo "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças
Existentes em 1848", inserido às fls. 8 do 2º Caderno,
do jornal "Correio Popular" de Campinas, de 14-julho-
1974 - Edição comemorativa do Bi-Centenário de Campi-
nas)

anpv/03/1983



BARÃO DE JAGUARA

(Começa pouco além da rua Proença, na Linha da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e termina na rua Barreto Leme. Liga as proximidades do Campo da Associação Atlética Ponte Preta à cidade).

A denominação foi dada em 1.º de julho de 1889, por proposta dos vereadores dr. Ricardo Gumbleton Daunt, Oto Langaard e José de França Camargo (dados compilados pelo sr. Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "Euas da Época Imperial"). Chamou-se, antes, rua de Cima e rua Direita. Tem 11 metros de largura.

DADOS BIOGRAFICOS: — O médico, deputado e presidente da Província de São Paulo, dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra (Barão de Jaguará), nasceu na cidade de São Paulo, aos 12 de junho de 1837 e faleceu em 14 de agosto de 1895. Fez seus estudos secundários em São Paulo, e se doutorou em medicina pela Academia do Rio de Janeiro. A instâncias de amigos e, principalmente, de seu irmão Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra, deputado geral, entrou para a política, sendo eleito deputado provincial paulista em 1870. Exerceu papel importante na vida pública, desempenhando diversas e elevadas funções. Militando sempre nas fileiras do antigo Partido Conservador, foi, mais tarde, um dos seus chefes de maior prestígio no Estado. A 6 de abril de 1889, foi nomeado presidente da Província de São Paulo, assumindo o

cargo a 11 do mesmo mês, nele permaneceu até 10 de junho do mesmo ano, sendo curta mas eficiente a sua administração. Foi nessa ocasião que conseguiu da Assembléia um empréstimo para o serviço de águas e esgotos de Campinas, por ocasião da epidemia de febre amarela.



No sec. 18, três ruas centrais

Em fins do século dezoito, Campinas possuía pelo menos três ruas centrais: a "de Cima" (Barão de Jaguará), a "do Meio" (Dr. Quirino) e a "de Baixo" (Luzitana). A "de Cima" onde corria um riacho, que se transformou depois na bela praça do Pará. Segundo consta nos arquivos do historiador, recebeu o nome de "Barão de Jaguará", por um ato considerado heróico pelos campineiros da época. Este homem, para Iole (comerciante da Galeria dos Arcos), foi fazendeiro da época, um "Barão do Café". Mas na verdade ele se chamava Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra, médico e político atuante do século passado, em 1837. O título de "Barão de Jaguará" lhe foi concedido em 1888.

Um ano depois, foi nomeado pelo Governo Imperial com Presidente da Província Paulista, justamente quando a febre amarela voltava a atacar violentamente Campinas. Enquanto Presidente Paulista o "Barão de Jaguará", socorreu da melhor maneira possível a cidade. Mas o seu feito maior foi quando o Município necessitava de uma verba, de 2.000 contos de réis, para a construção de uma rede de água em Campinas, o que iria amenizar o surto da febre.

Mas este pedido foi negado pelo seu antecessor, General Couto de Magalhães, por motivos puramente políticos. O Barão, chocado com o resultado, resolveu por si assinar um empréstimo no valor da verba, que na época, segundo Jolumá "dava para comprar toda a cidade". Daí então os homens do governo municipal manifestaram sua gratidão através da Rua, que hoje não é mais a "de Cima" e sim "Barão de Jaguará".

Quirino, pioneiro na Imprensa

Se todas as ruas tiveram outros nomes antigamente, isto não poderia

deixar de ser com a tão antiga "Rua do Meio" ou "Rua do Comércio", a atual Dr. Quirino. Pelas ruas da cidade muitos arriscam palpites. Uns dizem que Dr. Quirino foi um "médico", outros que foi um dos "Prefeitos de Campinas". Há, até, quem pense, como Sônia Aparecida da Costa, que ele foi um "bandeirante".

Mas na verdade Dr. Quirino foi nada menos que Francisco Quirino dos Santos fundador da Imprensa regular em nossa cidade, descendente do "terrível Fernão de Camargo", alcunhado o "Tigre". No entanto, Francisco Quirino dos Santos tinha muito mais de poeta, jornalista e político, do que de "Tigre".

O poeta das "Estrelas Errantes", sua obra publicada em 1863, nasceu em 14 de julho 1841, data que lembra a queda da Bastilha. Em 1859, quando cursava a Faculdade de Direito, colaborava em jornais da Faculdade, o que o inspirou na sua atuação jornalística, fazendo circular, em outubro de 1869, a "Gazeta de Campinas", marcante na história da Imprensa local.

Em julho de 1865 os eleitores do Partido Republicano escolheram o nome de Quirino dos Santos para Deputado Provincial, onde teve brilhante atuação. Depois de 6 de Maio de 1886, data de seu falecimento, só restou as "Estrelas Errantes", que poucos conhecem e é claro a Rua "Dr. Quirino".

A Rua de "Baixo" como já foi mencionado, tem uma história longa. Para chegar à atual "Rua Luzitana", ela recebeu os seguintes nomes: Rua da Quitanda, Rua de Baixo, Rua do Ouvidor, Rua Luzitana, depois Rua General Carneiro e novamente Rua Luzitana.

DIÁRIO DO POVO

QUINTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1954



B. P. M. "Prof. E. M. Zink"
a. p. 11115
Documentário de Campinas

Ruas da cidade:

**JAGUARA, Barão de. — rua
(Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra)**

Começa pouco além da rua Proença, na Linha da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e termina na rua Barreto Leme. Liga as proximidades do Campo da Associação Atlética Ponte Preta à CIDADE.

A denominação foi dada em 1.º de julho de 1889, por proposta dos vereadores Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, Oto Langaard e José de França Camargo (dados compilados pelo Vereador Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "RUAS DA ÉPOCA IMPERIAL"). Chamou-se, antes, rua de Cima e rua Direita. Tem 11 metros de largura.

✓Dados Biográficos: O médico, deputado e presidente da Província de São Paulo, Dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra (Barão de Jaguará), nasceu na cidade de S. Paulo aos 12 de junho de 1837 e faleceu em 14 de agosto de 1895. Fez seus estudos secundários em S. Paulo, e se doutorou em medicina pela Academia do Rio Janeiro. A instância de amigos e principalmente de seu irmão Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra, deputado geral, entrou para a política, sendo eleito deputado providencial paulista em 1870. Exercer papel importante na vida pública, desempenhando diversas e elevadas funções. Militando sempre nas fileiras do antigo Partido Conservador, foi, mais tarde um dos seus chefes de maior prestígio no Estado. A 6 de abril de 1889, foi nomeado presidente da Província de São Paulo, assumindo o cargo a 11 do mesmo mês, nele permaneceu até 10 de junho do mesmo ano, sendo curta mas eficiente a sua administração. Foi nessa ocasião que conseguiu da Assembléa um empréstimo para o serviço de águas e esgotos de Campinas, por ocasião da epidemia de febre amarela.

A.M.G.

RUA BARÃO DE JAGUARA



Ruas Prediletas - Causa da denominação - Gesto do governo provincial - Justas homenagens

- LEOPOLDO AMARAL -

(Extraído de fls 14, do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 03-09-1950).

As cidades, quase todas, contam entre suas vias públicas uma que, pelo concenso popular, se torna como que a predileta, a especial, a escolhida para o transito elegante e exibições de toaletes, não só à luz esplendente do sol, como à pálida claridade da lua. É a rua "chic", por onde desfilam os caprichos da moda em suas diferentes modalidades.

São Paulo teve, antigamente, a Rua da Imperatriz, como a predileta, e que passou a denominar-se - Quinze de Novembro, ou simplesmente rua "Quinze". A predileção mais tarde, estendeu-se pelo triangulo.

A nossa Campinas não fez exceção à regra geral. Conta muitas ruas e elegantes avenidas, ladeadas de prédios modernos, confortáveis que lhes imprimem lindos aspectos. São atestados do bom gosto, do progresso da cidade, cheia de esperanças e de justa confiança no seu futuro.

A rua aqui apontada como a preferida, desde tempos que bem longe vão, foi sempre a que se chamava - rua Direita. Há quasi meio século, porém, a Câmara Municipal deliberou alterar a primitiva denominação, condecorando-a com a de rua "Barão de Jaguará". Essa Câmara era formada pelos seguintes vereadores: dr. Salvador Leite de Camargo Penteado, presidente; Otto Langgard, vice-presidente; José Paulino Nogueira, dr. Julio Cesar Ferreira de Mesquita, Antonio Álvaro de Souza Camargo, dr. Ricardo Gumbleton Daunt, José Bento dos Santos, José de França Camargo e tenente Francisco José de Abreu. Foi a última sob o regime da monarquia.

Pessoas (e não são poucas) existem aqui que desconhecem os motivos da denominação que distingue essa importante via pública do centro urbano. Para esclarecer o caso, vamos reviver antigos acontecimentos locais, ocorridos durante uma fase dolorosa por que passou a cidade. Faremos, entretanto, preceder a nossa narrativa de algumas notas leves, à respeito.

x x x

(segue fls. 2)

A Companhia Campineira de Águas e Esgotos havia iniciado os seus serviços de construção na cidade, sob a direção do ilustre e inolvidável engenheiro dr. Francisco de Sales Oliveira Junior. A empresa, porém, por vários motivos, preponderando o da falta de capital, teve que suspender temporariamente os trabalhos.

Em fevereiro de 1889, com grande e geral surpresa, surgiram na cidade alguns casos de febre amarela, moléstia que, como se dizia, somente se manifestava no litoral. Sucederam-se outros e mais outros casos, ceifando vidas, até que por fim explodiu horrível, a memorável epidemia. O êxodo foi quasi geral. Inúmeras famílias saíram daqui, de mudança definitiva, horrorizadas diante do medonho quadro que a cidade apresentava.

Nessa aflitiva emergência o sofrimento de Campinas repercutiu lá fora. O governo voltou suas vistas benfazejas para a cidade flagelada.

Era, então, presidente da Província o benemérito paulista dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra, que havia sido agraciado pelo Imperador com o título de Barão de Jaguará.

Diante da situação dolorosa de Campinas e tendo sabido da paralização das obras de abastecimento de águas e esgotos, melhoramento este considerado imprescindível para o saneamento local, o presidente da Província veio solícito ao encontro desta terra, para protegê-la.

Convocou, extraordinária e especialmente, a assembléa provincial, expondo-lhe a calamidade de que esta terra estava sendo vítima. A assembléa reuniu-se e votou prontamente a lei, autorizando o governo a fornecer à nossa Câmara Municipal, por empréstimo, a quantia de dois mil contos de réis, a juros de seis por cento, amortizável em 22 anos. Por sua vez, a Câmara transferiu esse empréstimo à Companhia C. de Águas e Esgotos, nas mesmas condições.

Graças, pois, à boa vontade e grande dedicação do Barão de Jaguará, encontrou aquela empresa campineira os recursos de que precisava, para a conclusão dos serviços de abastecimento de água e esgotos em nossa terra, tendo estado sempre à frente, dirigindo-as, como já dissemos, o notável profissional dr. Sales Oliveira. E esse melhoramento, em Campinas, foi e é considerado como verdadeiro modelo em seu gênero.

A Câmara Municipal, acertadamente, interpretou a gratidão do povo, dando à antiga rua Direita a denominação de rua "Barão de Jaguará", e prestou também, merecida homenagem ao distinto diretor das obras, dando o nome da rua "Sales Oliveira" a uma das vias públicas da cidade.

Está, pois, esclarecido o caso.

28-2-1936.

RUA BARÃO DE JAGUARA



No Giro do Tempo *Mariano, o Velho*

O DIA A DIA DA CIDADE DE HA TRINTA ANOS NO NOTICIÁRIO DO "CORREIO POPULAR".

No dia 23 de janeiro de 1952, entre outras notícias locais, publicou o "Correio" as seguintes:

A DENOMINAÇÃO DE BARÃO DE JAGUARA A UMA RUA DA CIDADE

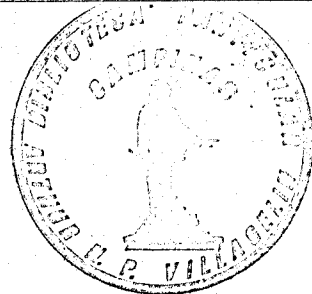
Muitas são as pessoas que desconhecem o motivo de ser dado o nome de Barão de Jaguará a uma rua da cidade e quem foi o homenageado. Chamava-se ele dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra, médico, nascido em 12 de junho de 1837, em São Paulo, onde faleceu em 14-8-1895. Foi deputado e presidente de São Paulo durante longos anos. Os serviços prestados à Companhia Mogiana de Estradas de Ferro quando residente em Mogi-Mirim lhe valeram ser agraciado com o título de Barão de Jaguará. A frente da Província de São Paulo, em 1889, quando Campinas foi assolada pela primeira epidemia de febre amarela, conseguiu do Governo um empréstimo de dois mil contos de réis à Prefeitura local, empréstimo esse que acabou sendo transferido para a conclusão das obras da C.C. de Águas e Esgotos. O Barão de Jaguará teve o seu nome dado a então chamada "Rua Direita", ainda em vida, quando também foram homenageados em vida, com nomes de rua, os demais benfeitores da cidade e de seu povo por ocasião da febre amarela: o presidente da Câmara José Paulino Nogueira, Bento Quirino dos Santos e o pároco do Distrito da Conceição, Cônego Ciplão.

FILMES PROGRAMADOS PARA HOJE NOS CINEMAS DE CAMPINAS

No CINE CARLOS GOMES: "Três dias de amor", com Jean Gabin. No CINE VOGA: "Pacto de silêncio", com Ana Mariscal.

fs

(Recorte da secção "No Giro do Tempo" do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 23-janeiro-1982)



* 12-JUNHO-1837

+ 14-AGOSTO-1895

BARÃO DE JAGUARA
(Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra)

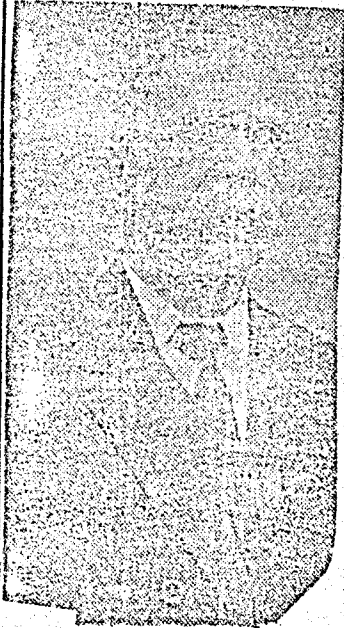
12

A 12.6.1837, nasce na capital paulista o parlamentar e estadista Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra, barão de Jaguará, falecido a 14 de agosto de 1895. Fez os estudos secundários em São Paulo e se doutorou em Medicina pela Academia do Rio de Janeiro. A instâncias de amigos e principalmente de seu irmão Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra, deputado-geral, ingressou na política, sendo eleito deputado provincial em 1870 e reeleito em outras legislaturas. Exerceu papel importante na vida pública, desempenhando diversas e levadas funções. Militando sempre nas fileiras do antigo Partido Conservador, foi mais tarde um dos seus chefes de maior prestígio no Estado. A 6 de abril de 1889 foi nomeado Presidente da Província de São Paulo. Assumindo o cargo no dia 11 daquele mês, governou até 10 de junho do mesmo ano. Sua administração foi curta e marcada por tempos difíceis, lutando contra grande crise política e social. Não obstante, teve ocasião de revelar suas qualidades de homem de governo competente e devotado. Recebeu o título de barão por decreto de 20 de junho de 1888.

Barão de Jaguará

NO dia 12 de junho de 1837 nasceu na capital paulista o parlamentar e estadista Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra, barão de Jaguará, falecido a 14 de agosto de 1895. Fez os estudos secundários em São Paulo e se doutorou em Medicina pela Academia do Rio de Janeiro. A instâncias de amigos e principalmente de seu irmão Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra, deputado-geral, ingressou na política, sendo eleito deputado provincial em 1870 e reeleito em outras legislaturas. Exerceu papel importante na vida pública, desempenhando diversas e elevadas funções. Militando sempre nas fileiras do antigo Partido Conservador, foi mais tarde um dos seus chefes de maior prestígio no Estado. A 6 de abril de 1889 foi nomeado presidente da Província de São Paulo. Assumindo o cargo no dia 11 daquele mês, governou até 10 de junho do mesmo ano. Sua administração foi curta e marcada por tempos difíceis, lutando contra grande crise política e social. Não obstante, teve ocasião de revelar suas qualidades de homem de governo competente e devotado. Recebeu o título de barão por decreto de 20 de junho de 1888.

Ruas prediletas - Causa da denominação Gesto do governo provincial - Justas homenagens Leopoldo Amara



Leopoldo Amara

As cidades, quasi todas contam entre suas vias publicas uma que, pelo consenso popular, se torna como que a predileta, a especial, a escolhida para o transitio elegante e exhibições de "toilettes" não só a luz esplendente do sol, como a palidez da claridade da lua. É a rua "chic", por onde desfiliam os caprichos da moda em suas diferentes modalidades.

São Paulo teve a "Iganã", a rua da "atriz", com a predileta, e a "passo e de nominar-se - Quinze de Novembro, ou, simplesmente rua "Quinze". A predileção mais tarde, estendeu-se pelo triângulo.

A nossa Campinas não fez excepção à regra geral. Conta muitas ruas e elegantes avenidas, ladeadas de edificações modernas, confortáveis, que lhe imprimem lindos aspectos. São atestados do bom gosto, do progresso da cidade, cheia de esperanças e de justa organcião no seu futuro.

A rua aqui apontada como a preferida, desde tempos que bem longe vão, foi sempre a que se chamava - rua Direita. Há quasi meio seculo, porém, a Camara Municipal deliberou alterar a primitiva denominação, concordando com a de rua "Barão de Jaguará". Essa camara foi formada pelos seguintes vereadores: dr. Salvador Leite de Carregado, presidente; Otto Langgard, vice-presidente; José Paulino Nogueira, dr. Julio Cesar Pereira de Mesquita, Antonio Alvaro de Souza, dr. Carlos de Almeida, dr. G. B. Bleton Daunt, José Bento dos Santos, José de Franco Camargo e tenente Francisco José de Abreu. Foi a ultima sob o regime da monarchia.

Pessoas (e não são poucas) existem aqui que desconhecem os motivos da denominação que distingue essa importante via publica do centro urbano. Para esclarecer o caso, vamos reviver antigos acontecimentos locais, ocorridos durante uma fase dolorosa por que passou a cidade. Far-nos-

entretanto, é preciso ler a nossa narrativa de algumas notas leves, a respeito.

x x x

A Companhia Campineira de Aguas e Esgotos havia iniciado os seus serviços de conservação na cidade, sob direção do illustre e inolvidavel engenheiro dr. Francisco de Sales Oliveira Junior. A empresa, porém, por varios motivos, preponderando o da falta de capital, teve que suspender temporariamente os trabalhos.

Em fevereiro de 1889, com grande e geral surpresa, surgiram na cidade alguns casos de febre amarela, molestia que, como se dizia, somente se manifestava no litoral. Succederam-se outros e mais outros casos, ceifando vidas, até que por fim explodiu horrivel, a memoravel epidemia. O exodo foi o geral. As famílias saíram daqui, de mudança definitiva, horrorizadas diante do medonho quadro que a cidade apresentava.

Nessa afflictiva conjunctura o sofrimento de Campinas repercutiu lá fora. O governo viu com suas vistas bemfazejas para a cidade flagelada.

Era, então, presidente da provincia o benemerito paulista dr. Antonio Pinheiro de Faria, que, em via agraciada pelo Imperador com o titulo de Barão de Jaguará, em virtude da situação dolorosa de Campinas, e tendo sabido da paralisação das obras de abastecimento de aguas e esgotos, e do enorme e considerado imprescindivel para o saneamento local, o presidente da provincia veio sollicito ao encontro desta terra, e tomou posse.

Convocou, extraordinaria e especialmente, a assembleia provincial, expondo-lhe a calamidade de que esta terra estava sendo vitima. A assembleia reuniu-se e votou prontamente a lei, autorizando o governo a fornecer à nossa camara municipal, por emprestimo, a quantia de dois mil contos de reis, a juros de seis por cent, amortizavel em 22 anos. Por sua vez, a camara transfere esse emprestimo à Companhia de Aguas e Esgotos, nas mesmas condições.

Graças, pois, à boa vontade e grande efficacia do Barão de Jaguará, encontrou aquella empresa campineira os recursos de que precisava, para a conclusão dos serviços de abastecimento de agua e esgotos em nossa terra, tendo estado sempre à frente, dirigindo-as, como já dissemos, o notavel profissional dr. Sales Oliveira. E esse melhoramento, em Campinas, foi e é considerado como verdadeiro modelo em seu genero.

A Camara Municipal, acertadamente, interpretou a gratidão do povo, dando à antiga rua Direita a denominação de rua "Barão de Jaguará", e prestou tambem merecida homenagem ao distinto director das obras, dando o nome da rua "Sales Oliveira", a uma das vias publicas da cidade.

Está, pois, esclarecido o caso.

25-2-1936.

ANPV 1. 2317-11



Handwritten signature or initials, possibly 'OAM'.

Ja



424 — Barão de Jaguará

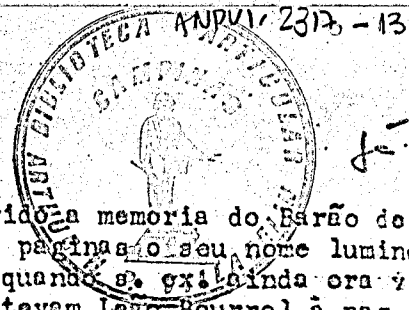
424 — Jaguará (Barão de). Dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra, Barão de Jaguará, a 20-VI-1888. Nascido a 12-VI-1837, em S. Paulo; onde †, a 14-VIII-1895. Médico, Deputado e Presidente de S. Paulo. O Barão, 1.^a vez, casou com D. X..... Pais de:

- F1) D. Maria de Ulhoa Cintra, †, casada com o Dr. José Custódio da Cunha Cintra, com sucessão, Ministro do Tribunal de Justiça de S. Paulo (Silva Leme, III, 449).
- F2) Dr. Adalberto de Ulhoa Cintra, casado com D. Maria de Vasconcelos Tavares. (Silva Leme, II, 34).

X ADELINA HENRIQUETA

O Barão, 2.^a vez, casou com D. ANTONIA DA ROSA.....

Cam



Fôra culpa grandissima deixarmos aqui no olvido a memoria do Barão de Jaguara. Si bem que perfunctoriamente, gravemos n'estas paginas o seu nome luminoso. O que se segue foi por nos escrito em 1891, quando a grãinda era vivo. (Extraido do livro, Hercules Florence de, Estevam Leão Bourrol à pag. 560.)

Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra nasceu a 12 de junho de 1836 na capital de São Paulo; e formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, a 30 de novembro de 1859.

Estudante alcançou por concurso a nomeação de interno do hospital da misericórdia da corte e do arsenal de guerra (enfermaria dos menores).

Depois de formado fixou residencia em Casa Branca, onde clinicou quatro annos; e depois, pelo espaço de vinte e cinco annos, em Mogy-Mirim.

Grangeou reputação de um dos medicos mais abalizados da provincia. e era obrigado não raro a acudir chamados de localidades remotas, como profissional distinctissimo e humanitario

Assim, em Batataes, Franca, Mocôca, Santarita do Paraiso e outros pontos, ainda hoje e o seu nome lembrado com vivas saudades pelas familias mais importantes d'aquella zona e pelas classes menos favorecidas da fortuna, as quaes prestava os socorros do seu nobre ministero com equal solitudine e abnegação, vencendo largas distancias na inclemencia das estações, e quando as vias de comunicação eram muitos deficientes, arriscadas e as vezes perigosas e impossiveis.

Por 3 quatrienios exerceu elle o cargo de vereador, e sempre o de eleitor pelo systema indirecto; foi juiz municipal supplente, commissario vaccinator, por espaço de dezoito annos inspector da instrução publica, juiz de diversas irmandades provedor de outras, director da ferro-via Mogyana desde 1872 até 1889 (gratuitamente), deputado provincial nas legislaturas de 1870-71-1872-73-1874-75-1876-77-1878-79.

Como director da Companhia Mogyana, foi um dos mais eficazes e preciosos auxiliares do progresso da provincia, ao lado do dr. Antonio de Queiroz Telles, mais tarde Conde do Parnahyba.

A cidade de Casa Branca, querendo galardoar os seus serviços, collocou o seu retrato a oleo na sala de honra da estação de ferro.

Deputado provincial deixou traços luminosos de sua passagem na assemblea, discutindo com erudição e elevação de vistas um sem numeros de questões, algumas das quaes escabrosas e demandando illustração solida e grande soma de conhecimentos. Quem folhear os annaes de nossa assemblea facilmente se convencerá desta verdade.

A sua voz era sempre ouvida com simpatia e respeito; a sua opinião acatada e applaudida.

Foi, em tôdas as sessoões, relator da importante comissão de fazenda.

Este fato, por si só atesta o papel proeminente desempenhado pelo doutor Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra no seio do corpo legislativo provincial.

Em 1881, na primeira eleição pelo systema Saraiva, apresentou-se candidato á Assembléa Geral pelo nono districto, onde tinha lançado a sua influencia e prestigio solidas raizes.

Contendendo com um adversario de grande força tribuno laureado, juriscônsulto illustre e politico prestimoso, o doutor Brasílio Augusto Machado de Oliveira, e tendo contra si o elemento official, o dr. Antonio Cintra lôgrou ser eleito pelo partido conservador, em segundo escrutinio, a 25 de Dezembro.

A 7 de Maio de 1887 foi nomeado Commendador da Imperial Ordem da Rosa: pre-tou juramento mezes depois.

A 14 de Julho do mesmo anno foi nomeado quinto vice-presidente da provincia e a 20 de Junho de 1888 foi agraciado com o titulo de Barão de Jaguara, em attenção aos valiosos serviços prestados como director da Companhia Mogyana.

(Esta Companhia Mogyana tudo deveu á acção dos irmãos Cintra, auxiliados pelo dr. Antonio de Queiroz Telles, ao depois Barão, Visconde e Conde do Parnahyba.)

Do facto, além de outras medidas de subito alcance, obteve da Assembléa Geral Legislativa, da qual fazia parte, em 1882, a lei concedendo garantia de juros de 6 por cento á Companhia Mogyana para prolongar sua linha até a ponte do Jaguara, margem esquerda do Rio Grande, divisa de S. Paulo e Minas.

A monumental ponte do Jaguara attestará aos vindouros a tenacidade e o patriotismo de um dos filhos mais dignos de S. Paulo; de um d'aquelles que mais propugnaram pelo seu progresso e desenvolvimento.

Casado em primeiras nupcias em 1861 com a exma. sra. d. Adelina Henriqueta de Ulhôa Cintra, filha do sr. Luiz Torquato de Oliveira e de d. Angelica de Torquato, aquelle filho da cidade de Campanha, Minas, esta do Rio de Janeiro, perdeu a esposa em 1880.

AM

RUA BARÃO DE JAGUARA

Em fins de 1881 contrahiu matrimonio com a exma. sra. de Antonia da Rocha Cintra, actual baroneza do Jaguará,

De ambos enlaces houve dezoito filhos, dos quaes existem onze.

Nomeado presidente desta provincia por decreto de 6 de Abril de 1889, assumiu a administração no dia 11 do mesmo mês, succedendo ao illustre sr. dr. Pedro Vicente de Azevedo, que com tanto criterio e civismo governou S. Paulo em periodo convulsionado pelas paixões e pelos odios politicos.

Dous mezes apenas occupou o Barão do Jaguará a cadeira da presidencia da provincia do Imperio.

Mas n'este curto espaço teve s. exc. ensejo, e ensejo de sobra, de revelar-se grande administrador e patriota acrysolado.

Teve de arcar com atterrivel epidemia que assolava as importantes cidades de Santos e Campinas.

Graças á sua energica attitude perante o governo geral, que rogava os socorros de que careciam aquelles importantissimos emporios commerciaes; graças ás suas medidas acertadas e bem combinadas; operando com perfeito conhecimento de causa, pois ao administrador esclarecido alliava-se o homem de sciencia profunda, conseguiu em pouco tempo debellar a peste, serviços de hygiene e prevenção que têm de impedir, em futuro mui breve, a invasão do terrivel flagello.

Convocou extraordinariamente a assemblea provincial para o dia 20 de Maio e esta corporação, correspondendo aos desejos de s. ex. decretou leis em ordem de por um dique á marcha ascendente da febre amarella em Santos e Campinas (leis provinciaes de 5 de Junho de 1889)

S. ex. não se limitou ao papel que lhe assignavam as suas attribuições constitucionaes.

Foi em pessoa, ao theatro dos acontecimentos que onluctavam a provincia, examinar de visu o estado lamentavel das localidades onde grassava o mal, afim de poder providenciar quante urgia em quadra tão anormal; embora arriscando a propria vida no foco da peste.

Os seus dois relatorios, de 21 de Maio e 10 de Junho, em sua oloquencia succinta, dão a medida do muito que fez pelo bem estar da nossa provincia.

Ao deixar a presidencia no dia 10 de Junho, em consequencia da ascensão do partido liberal, viu-se cercado dos testemunhos de estima e admiração de todos os partidos, que, á porfia, proclamam pelos seus órgãos o patriotismo do illustre paulista.

Arrancando a tunica de Nessus das agitações partidarias, s. exc. recolheu-se ao remanso do lar.

A um espirito de semelhante tempera não era dado permanecer inativo e indifferente ao progresso industrial e scientifico de S. Paulo.

Foi eleito presidente da Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes e Vice-presidente do Banco Provincial de S. Paulo, hoje Banco dos Lavradores.

Foi um dos fundadores da Companhia Oeste Agricola, e de outras empresas igualmente importantes; presidente do Congresso Medico Cirurgico de S. Paulo e irmão da mesa da irmandade da Misericordia d'esta capital.

Com a proclamação da republica a 15 de Novembro, o Barão do Jaguará, compreendendo como poucos da gravidade da situação, entendeu que não estava finda a missão do partido conservador.

Entedeu que uma ideia não pode sepultar-se pela vontade caprichosa de meia duzia de politicos sem ideale de estadistas, cujo programa resumia-se na adesão incondicional á nova ordem de cousas.

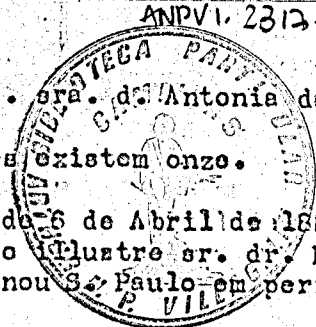
Cumpria lhe, a ele um dos chefes mais prestigiosos do partido conservador, a quem acompanhavam os melhores elementos de ordem e conservação social, cumpria-lhe rigorosamente quebrar um silencio culposo, definindo claramente as posições e levando o alento e a força ás hostes baralhadas de confusas ante o imprevisto de successos extraordinarios.

Dai o notavel manifesto de 24 de Novembro, no qual assumindo a unica attitude compativel com as tradições do partido conservador e com as necessidades do momento, s. exc. declarava:

"Podemos ser tão bons conservadores na republica como fomos na monarchia.

"Entendo que o partido conservador ainda tem grande missão a cumprir, qual a de ser o elemento ponderador no meio dos embates das paixões e interesses que por ventura se dorem.

"A obra da nova organização politica e social precisa do concurso esclarecido de todos os cidadãos. E n'ella deverão os antigos partidos prestar assinalados serviços, competindo ao partido conservador guardar o deposito sagrado dos principios que sempre defendeu, afim de dar ao novo regimen a feição de Thiers e Mac-Mahon e evitar convulsões sociaes, ás quaes seríamos arrastados pela má compreensão da liberdade civil e politica.



"O que não convém por forma alguma é desamparar a causa conservadora e deixar correr a revelia os pleitos eleitoraes.

"Hoje mais do que nunca, devemos intervir ativa e eficazmente na grande obra de reorganização do país para que as novas instituições sejam vasadas em molde conservador, oferecendo garantias de orã, estabilidade e progresso."

Documento tão franco e luminoso produziu profunda impressão, pela singeleza eloquente da fôrma e pela profundez dos conceitos, tão longe do adhesivismo servil e pressuroso como do desengno formal e da passividade criminosa.

Na mesma ordem de idéas, s. exc. foi um dos promotores das reuniões politicas de 17 de Agosto de 1890 e de 15 de Janeiro de 1891, cujos resultados foram, como é sabido, negativos por falta de acordo de grupos liberaes.

Apõa a reunião de 12 de Março, s. exc. não quiz negar o seu concurso inestimavel a uma obra que se lhe afigurava de conciliação e vasada nos moldes conservadores.

Foi eleito senador no pleito de 30 de Abril, como seria eleito em qualquer outra circumstancias, uma vez que a vontade das urnas fosse respeitada pelo governo de fatã.

O Barão de Jaguãra não tomou assento no senado constituinte de Americo Brasiliense. O Barão de Rezende tambem não tomou assento. Nem um nem outro firmou a Constituição Politica do Estadã de S. Paulo. Ambos, porem assinaram o protesto de 2 de Fevereiro de 1892 contra a dissolução violenta do Congresso eleito em 30 de Abril de 1891 pelo presidente Americo Brasiliense.

Em consequencia de uma tentativa de deposição alias malograda do vice-presidente em exercicio, dr. José Alves de Cerqueira Cesar, este assumiu a ditadura, dissolveu o Congresso por Decreto n. 15 de 29 de Janeiro de 1892 e mandou prender os proceres indigitados como cabeças de rebelião.

Esta conspiração não foi inventada; mas, tão mal urdida, diremos mais, orientada de um modo tão ridiculo, que gôrou no nascedouro. Em nossos dois livros sobre o Conselheiro Franciscã de Paula Rodrigues Alves e Doutor João Mendes de Almeida deixamos este ponto bem explanado e bem elucidado.

Os Congressista dissolvidos, protestando contra o ato do vice-presidente Cerqueira Cesar, declararam este funcionario fora da lei.

A dissolução do Congresso foi tambem a dissolução do partido republicano-conservador, que apoiãra a adiministração do dr. Americo Brasiliense. Os monarquistas que tinham se congregado sob a bandeira de 15 de Novembro voltaram aos antigos arriaes, uma vez provada a inexequibilidade de seu projeto de Republica sem republicanos.

O Barão de Jaguãra recolheu-se entã de vez, à vida privada, sem ocultar entretando suas idéias restauradoras.

Quando alguns monarquistas tentaram pleitear as eleições estaduaes, o Barão fez causacommum com o dr. João Mendes de Almeida; e aconselhou a mais completa abstenção. E assim se fez; apenas um ou dois soldados se rebelãram contra a senha do venerando chefe dr. João Mendes de Almeida.

A saude do Barã de Jaguãra que ja sofrera grande abalo em Junho de 1891, foi se alterandocada vez mais. Ja lhe era entã impossivel dedicar-se aos interesses das Companhias e dos Bancos, que dirigia com grande criterio e competencia.

Passou alguns meses em tratamento na cidade de Jundiãhy, rodeado dos develos da familia, em casa de seu genro o ilustrado sr. Dr. Francisco Cavalcante de Albuquerque.

E a 14 de Agosto de 1895 faleceu ele n'esta capital, pelas duas horas e meia da tarde, deixando enorme vãcuo no seio da sociedade paulista, no gremio dos seus legionarios e no coraçã de sua familia e de seus amigos.

E como a Historia dos homens e das cousas de seu tempo e a narração de sua vida, têmde ser dadas à estampa em seu lugar proprio, aqui concluimos estes apontamentos que tanto estes quanto aquelles sobre o dr. Delfino Cintra, vã a guisa de rascunhos, e esperande seu complemento necessario.

Cam